



A nova geração de Bandas de Rua no Rio de Janeiro: marginalidade sonora e experiência urbana¹

Lucimara Rett²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

Desde o ano de 2012, uma nova geração de Bandas de Rua tem se integrado em um movimento que vem tomando corpo e representatividade na arte pública do Rio de Janeiro. Essas bandas se apresentam em praças, praias e vagões de trens e metro da cidade, gerando uma experiência sonora urbana diferente do que se conhecia por música de rua até então. Esta proposta consolida um estudo etnográfico da autora, que atua como produtora de bandas de rua do Rio de Janeiro desde 2013. Além da observação participante no período 2013-2015, o artigo contempla entrevistas realizadas em 2016 com músicos das bandas mais representativas, a fim de se ter uma cronologia do movimento na cidade do Rio de Janeiro, bem como uma primeira aproximação acadêmica a título de investigação exploratória acerca do objeto. Acredita-se que a música de rua, apesar de seu tom de marginalidade, tenha conseguido laços de afetividade e identidade com o público, que é o seu curador.

Palavras-chave:

cidades; espaço público; experiência urbana; bandas de rua; Rio de Janeiro.

Introdução

Não é uma novidade dizer que a arte invade as ruas das cidades de todo o mundo. De fato, afirma Claudia Büttner, “projetos artísticos no espaço não-institucional fazem parte, hoje em dia, tanto na Alemanha quanto em toda a Europa, da programação cultural de verão de muitas cidades” (2002, p. 73). No Brasil não é diferente: a arte pública vem ganhando visibilidade e sendo discutida em diversas esferas. Na cidade do Rio de Janeiro, a ocupação do espaço público notadamente se

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 3 - Comunicação e Consumo: periodizações e perspectivas históricas, do 6º Encontro de GTs de Pós-Graduação - Comunicon, realizado nos dias 14 e 15 de outubro de 2016.

² Publicitária (Unitau) e Doutora em Comunicação (Umesp). Professora Adjunta e Coordenadora do Curso de Publicidade e Propaganda na Escola de Comunicação da UFRJ. Integra os grupos de pesquisa REC – Retórica do consumo (UFF) e Imagem, Mercado e Tecnologia (UFRN).

e-mail: lucimara.rett@eco.ufrj.br.



expande, tanto nos movimentos sociais e manifestações políticas populares, como nas manifestações culturais, sobretudo no que tange as bandas de rua. O artista de rua, especificamente o músico, sempre ocupou esse espaço, mas em 2012, a chegada da banda argentina Dominga Petrona no Rio de Janeiro, despertou a curiosidade de bandas locais do circuito alternativo, que, enxergando ali uma oportunidade, acabaram sendo motivadas a mostrar seu trabalho nas ruas da cidade.

O movimento de Bandas de Rua tem, portanto, crescido exponencialmente na cidade e tem, atualmente, grande destaque na mídia, com a publicação de reportagens em jornais impressos e *online*, gravação de programas para a televisão e participação em grandes festivais.

Música, paisagem sonora e experiência urbana

As performances das bandas no espaço público ocupam uma “centralidade na experiência que envolve a música de rua”, priorizando “o volume e o resultado sonoro na rua – num ambiente marcado pelos desafios de fazer ouvir nas cidades polifônicas” (HERSCHMANN; FERNANDES, 2014, p. 38). Essa experiência cotidiana remete-nos ao conceito de paisagens sonoras urbanas, consideradas por Simone Luci Pereira (2007, p. 1), “como elemento preponderante para compreensão da música midiática e sua escuta pelos ouvintes, onde esta se articula, em maior ou menor grau, a escuta de um tempo, de uma cidade, uma escuta do mundo, enfim”.

O espaço público vem a calhar para o artista marginalizado, que o ressignifica, tornando-o palco. “A praça não se reduz a um local para troca de informações. A principal razão de sua existência é invocar o espírito gregário arraigado no inconsciente do homem urbano” (CASÉ, 2000, p. 63). Assim, esse local de encontro é também local de reunião de público, que de transeunte vira espectador e curador.

Daniel Bacchieri (2016), fundador e curador do Streetmusicmap³, um *line up* colaborativo de músicos de rua de todo o mundo, postou um depoimento em seu

³ Disponível em: <<http://www.streetmusicmap.com/>>. Acesso em 14 maio 2016.



Instagram⁴: “A rua é o palco mais livre que um artista pode experimentar. Não há lugar melhor para ter um *feedback* cru e sincero de uma audiência em permanente movimento. Como ouvintes, precisamos ouvir mais as ruas. A trilha sonora das nossas esquinas é o retrato mais apurado da realidade”.

Silvio Essinger (2015)⁵ ressalta as adversidades enfrentadas pelas bandas de rua, enfatizando que “para as incertezas do dia a dia, as bandas carregam como amuleto, aonde quer que vão, uma cópia da Lei Municipal 5.429, de 5 de junho de 2012, do vereador Jorge Felipe”. A lei dispõe sobre a apresentação de artistas de rua nos logradouros públicos do Rio. Mesmo amparados pela lei, os artistas sofrem diversas pressões do poder público. Em dezembro de 2015 o jornal O Dia⁶ publicou uma reportagem sobre a agressão de músicos no metrô. Em abril de 2016, a vereadora Leila Maywald (PMDB), conhecida como Leila do Flamengo, propôs um projeto de lei que pedia a proibição de apresentação de artistas de rua em praças e outros espaços urbanos que tenham edifícios em volta ou próximos⁷. Dias depois, após ampla mobilização dos artistas, o projeto foi retirado de pauta⁸ pela vereadora.

Por outro lado, com a grande visibilidade e força do movimento na capital carioca, muitas empresas, como a Red Bull e o próprio Metrô (este último, sem sucesso), megaeventos de renome, como o Rock in Rio, casas consolidadas na cidade, como o Circo Voador, e até o governo municipal, sob a forma de editais que contemplam a arte pública, vem dando espaço e destaque às bandas de rua. Em 2015 o Canal Bis, da Multishow, produziu uma série chamada Sons Urbanos⁹, com 13 episódios (cada um com três bandas de diversas partes do mundo) falando sobre a

⁴ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/BFZjzTbGemE/?r=1028760904>>. Acesso em 14 maio 2016.

⁵ Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/bandas-ocupam-pracas-calcadas-trens-do-rio-passam-chapeu-multiplicam-vendas-de-discos-16362472>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

⁶ Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/noticia/rio-de-janeiro/2015-12-21/musicos-sao-agredidos-por-segurancas-do-metro.html>>. Acesso em 20 fev. 2016.

⁷ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/vereadora-leila-do-flamengo-quer-acabar-com-artistas-de-rua-19194692.html>>. Acesso em 10 maio 2016.

⁸ Disponível em: <<http://extra.globo.com/noticias/extra-extra/leila-do-flamengo-pmdb-tira-da-pauta-projeto-que-acaba-com-artistas-de-rua-19218415.html>>. Acesso em 10 maio 2016.

⁹ Disponível em: <<http://canalbis.globo.com/programas/sons-urbanos/>>. Acesso em 14 maio 2016.



relação dos músicos com o trabalho nas ruas. A cada episódio, praticamente, uma banda carioca era apresentada.

A nova geração de Bandas de Rua do Rio de Janeiro

Seguramente a arte pública já contempla há bastante tempo os músicos de rua, muitas vezes marginalizados. Como afirma a mexicana Natalia Bieletto (2016, p. 67), os músicos que se apresentam em manifestações tradicionais populares ou religiosas, são bem aceitos, entretanto, “[...] os músicos que usam as ruas como meio de subsistência cotidiana são com frequência objeto de estigma social, condescendência e/ou desvalorização” [tradução nossa]¹⁰. Partindo dessas considerações, define-se aqui o que consideramos uma nova geração de Bandas de Rua, que tomou as ruas do Rio de Janeiro a partir do ano de 2012. Esses músicos enfrentam muitas adversidades no cotidiano, tais como reclamação de moradores locais, enfrentamento com a polícia e agentes da Ordem Pública, entretanto, para o público, eles assumem um caráter muito mais de artistas (no sentido de *popstars*) do que de músicos buscando meios alternativos de sobrevivência. Essas bandas possuem equipamento e instrumentos próprios e são autônomas em termos de energia, usando uma bateria de automóvel adaptada com um equipamento chamado conversor, que transforma a energia contínua em alternada para alimentação das caixas de som e demais instrumentos elétricos. Já a bateria, o instrumento, é adaptada para facilitar o transporte. Os músicos carregam essa parafernália em pequenos carrinhos, facilitando o deslocamento de toda a banda em um único automóvel ou até mesmo no transporte público.

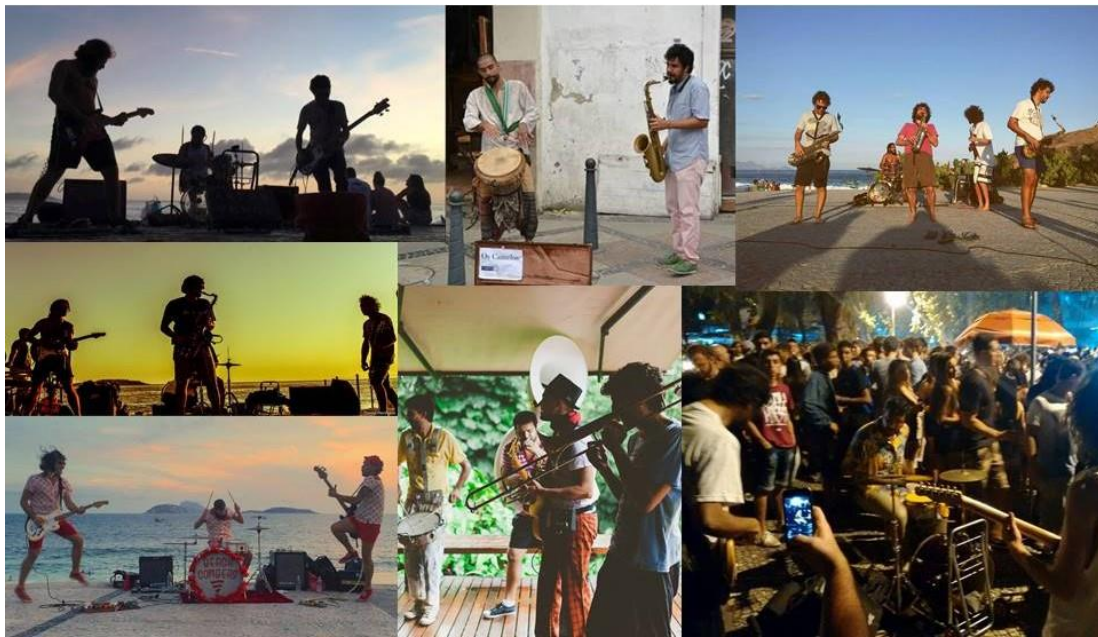
Hoje são dezenas de bandas de rua na cidade do Rio de Janeiro. Parte-se, entretanto, da pesquisa junto às mais representativas e, para este estudo exploratório foram selecionadas as seguintes bandas (figura 1): Dominga Petrona, Astro Venga,

¹⁰ [...] los músicos que usan las calles como medio de subsistencia cotidiana son con frecuencia objeto de estigma social, condescendencia y/o desvalorización.



Beach Combers, Tree”, Bagunço, Ma Non Troppo e Os Camelos, todas de som autoral e instrumental com influências do free jazz.

Figura 1 – Bandas de Rua do Rio de Janeiro



Fonte: Montagem com imagens próprias e do Facebook das bandas

A Dominga Petrona foi selecionada por ser a pioneira dessa nova fase da música de rua, como veremos adiante, e as demais, por outros critérios de representatividade, tais como tempo de existência como banda de rua, participação em reportagens em jornais impressos e eletrônicos, bem como em documentários profissionais e universitários, participação em projetos como Red Bull Soundground¹¹, em 2014, nas estações do Metrô, eventos como o Praça, do Circo Voador, e apresentações na entrada do Rock in Rio 2015, megaevento realizado na cidade em 2016.

¹¹ Disponível em: <<http://www.redbull.com/br/pt/music/events/1331652785075/red-bull-souderground>>. Acesso em 1 maio 2016.



Além da observação participante, tendo a autora atuado como produtora da banda Tree” de 2013 a 2014 e da Ma Non Troppo de 2014 até 2016, foi realizada uma entrevista com roteiro semi-estruturado com um músico de cada uma das bandas selecionadas. Por questões de acesso e conveniência, algumas entrevistas foram realizadas pessoalmente, outras por e-mail e outras, ainda, por Facebook.

a) Dominga Petrona

A banda argentina existe desde julho de 2009. A formação conta com bateria, baixo elétrico, guitarra e saxofone. Como citado antes, em 2012 ela foi pioneira dessa nova geração de bandas de rua do Rio de Janeiro, por trazer de seu país o *know how* para as apresentações de rua, com adaptação de instrumentos e equipamento para autonomia de energia.

Segundo Beto Cuenca¹² (2016), a ideia de ir para a rua foi, inicialmente, tê-la como palco e divulgação do trabalho. Para ele, “as ruas são uma grande vitrine para todas as artes”. A banda está na terceira edição do CD e ele calcula que já tenham vendido mais de 5 mil cópias. A banda não tem um produtor fixo e divulga seu trabalho principalmente nas ruas e pelas Redes Sociais, com foco no Facebook.

Questionado sobre as diferenças do público das ruas da Argentina e do Brasil, Cuenca afirma que a relação é ótima em ambos os países. “Só palavras de agradecimento, muitas vezes mostrando-se surpreendidos pelo trabalho feito na rua desse jeito. [...] A rua é a mesma em todo o mundo. Você está fazendo arte e está acariciando as almas das pessoas de forma livre”. Já o problema mais enfatizado foi com relação às reclamações dos moradores locais pelo volume do som.

A Dominga se apresentou na entrada do Rock in Rio 2015, no Rio de Janeiro, e para o músico “[...] foi ótimo, quase um sonho. Foi sucesso e muito bom para a trajetória da banda e para seu material de divulgação”.

¹² Em entrevista à autora por Facebook, em fevereiro de 2016.



b) Astro Venga

A banda foi criada no início de 2014 com uma formação diferente da atual, mantendo, entretanto, o trio de instrumentos: bateria, guitarra e baixo elétrico. De acordo com Antonio Paoli¹³ (2016), baixista, “o intuito sempre foi o de tocar na rua como uma alternativa à escassez de público e de casas de show que acolham arte e viabilizem o processo de existência através dela”. E complementa, afirmando que “a curadoria espontânea de um público heterogêneo de classes sociais e faixa etária, nos indicou a direção correta: ir de encontro a esse público, assim testando nossa arte”.

Já venderam 3 mil cópias do CD “Explodiram a Perimetral”¹⁴ e estão em vias de lançar o segundo título, “Ao Vivo na Lapa”. A banda conta há um ano com a produtora Luiza Machado, namorada do guitarrista. Ela trabalha com foco nos shows em casas do Rio de Janeiro e de outros estados, sendo o Facebook o principal meio de divulgação.

Quanto às vantagens da rua, o baixista destaca que “a diversidade do público de rua nos faz ter a certeza de que o povo consome arte independente do estilo e independente do que a grande mídia dita”. Quanto ao principal desafio, Paoli também cita ser “o poder público, representado pela polícia e guarda municipal, respeitarem a atividade tal qual queremos, a de trabalho como o de um camelô que vende sua arte através dos CDs”. E complementa: “viver da arte é nosso objetivo e garantir as ruas e praças públicas como frente de trabalho para os artistas que não foram sorteados pela grande mídia, garantindo, assim, a sobrevivência do artista e da arte em si”. Também acha interessante ser já percebido como um movimento. “Não estamos sozinhos nessa”, diz Paoli. Quanto ao Rock in Rio, “o Sr. Medina [idealizador do festival] também percebeu isso dando oportunidade para as bandas locais que estão nessa atividade para se apresentarem por lá, mas queremos sempre mais”.

¹³ Em entrevista à autora por e-mail em março de 2016.

¹⁴ Título que faz uma crítica à demolição de um elevador que era considerado uma importante via no Centro do Rio de Janeiro, em 2011. Outras informações disponíveis em: <http://jornalggn.com.br/noticia/sobre-a-demolicao-do-elevado-da-perimetral-no-rio-de-janeiro>. Acesso em 10 maio 2016.



c) **Beach Combers**

A formação atual existe desde 2010, mas a banda foi criada em 2009. O intuito inicial não era tocar na rua, mas foram motivados pela Dominga Petrona e Por Zozio RL¹⁵, segundo Gustavo Loureiro¹⁶ (2016), ou Guzz the Fuzz, baixista da banda. Os BC's vestem seus uniformes vermelhos e, na formação bateria, baixo elétrico e guitarra, apresentam *surf music* instrumental nas ruas e praias do Rio de Janeiro. Com isso já venderam praticamente 2 mil CDs e os vinis esgotaram em 2014, segundo o baixista. A banda não tem produtor e se autoproduz. O objetivo é circular entre a rua, o *mainstream* e “por onde mais nosso trabalho se encaixar. Porque apesar da universalidade do som instrumental, temos um espírito muito DIY (*do it yourself*) para focarmos apenas no *mainstream*”, afirma Guzz.

Loureiro destaca que “a relação com público, geralmente, é de muito carinho e *good vibes*. O maior desafio é conseguir seguir com o show quando acontece alguma reclamação de barulho, apesar de nunca termos ultrapassado as 22 horas”.

Os Beach Combers não tocaram no Rock in Rio, mas fizeram um “*Beach Attack*” na entrada do último show dos Rolling Stones no estádio do Maracanã, em fevereiro de 2016, no Rio de Janeiro. Para Guzz, “foi simplesmente um dos melhores dias da minha vida. E acredito que para o Bernar [guitarrista] e para o Lucas [baterista] também. AAAAAHHHHH!!!! Fico arrepiado só de lembrar”.

d) **Tree**

A banda Tree” foi criada em 2012 já com o objetivo de tocar nas ruas, sobretudo por falta de dinheiro para pagar estúdios para ensaio. A formação inicial seria bateria, baixo elétrico e saxofone, mas atualmente conta com mais um saxofone para a execução de som instrumental autoral, com influência do free jazz, o que

¹⁵ Ex baterista da Dominga Petrona e da Astro Venga, irmão de Lucas Leão, baterista dos Beach Combers.

¹⁶ Em entrevista à autora por Facebook em março de 2016.



Mindu¹⁷ (2016), ex-baixista e fundador da banda, chama de música instrumental espontânea carioca.

A Tree” acaba de gravar seu primeiro CD e já contou com a produção da namorada do baixista, depois de uma amiga e, na data da entrevista, por um dos componentes da banda. Recentemente, Mindu retornou à banda e a primeira produtora reassumiu o trabalho de produção e comunicação. Os principais canais de divulgação são as redes sociais, principalmente Facebook e Soundcloud.

A relação com o público é boa. Pela característica do som, experimental, os músicos são considerados “loucoões” e a música nem sempre é bem compreendida pelo público transeunte, mas há uma interação e sinergia. Alguns dançam, outros ficam paralisados. Como nas outras bandas, as reclamações com relação ao barulho e o enfrentamento da ordem pública são os principais problemas para a apresentação no espaço público.

A banda não tocou no Rock in Rio. Tem procurado casas da cidade e outros espaços alternativos de apresentação, sendo que o objetivo é tocar em outros estados e países.

e) **Bagunço**

De acordo com Daniel Pimenta (2016)¹⁸, baixista, a banda Bagunço surgiu em maio de 2013 com o intuito de tocar na rua. “O Clément (trombonista francês)¹⁹ estava há pouco tempo aqui no Brasil e tinha vontade de fazer uma fanfarra. Não conseguiu, no entanto, juntar apenas músicos que tocavam instrumentos móveis”. Assim, o músico francês, juntando-se a outros músicos cariocas que tinham experiência na rua e sabiam como ligar os amplificadores, a banda foi para as ruas do Rio de Janeiro: “todos os integrantes tinham muita energia e necessidade de se

¹⁷ Em entrevista pessoal à autora em fevereiro de 2016.

¹⁸ Em entrevista por e-mail à autora em março de 2016.

¹⁹ Uma curiosidade é que o nome da banda vem da pronúncia incorreta da palavra “bagunça” pelo músico francês.



expressar. Como a banda começava praticamente do zero e tinha condições estruturais para tocar na rua, começar desta maneira foi inevitável”.

A banda Bagunço já vendeu em torno de 4 mil cópias do CD e acaba de lançar outro CD duplo. Para organização e divulgação do trabalho, a banda conta com um produtor profissional. Os principais canais de divulgação são as redes sociais, especialmente o Facebook.

Os músicos se vestem com roupas coloridas e alguns utilizam nariz de palhaço. Eventualmente fazem pequenas performances/esquetes e brincadeiras com o público. “Além de tocar a própria música, tentamos através de várias performances adquirir uma comunicação maior com o público. Chegamos a fazer algumas aulas com palhaços para isso. Sempre tentamos inventar coisas novas nesse aspecto”, afirma Daniel.

Quando questionado sobre os desafios da rua, o músico enfatiza: “A rua naturalmente é um ambiente hostil pra artistas. Seja por autoridades que desconheçam a lei, seja por pessoas passando e não se interessando. Andamos sempre com a lei impressa no bolso e tentamos identificar alguma forma de nos tornarmos interessantes aos pedestres”. E acrescenta: “Vale ressaltar que o atual ambiente de crises política e econômica geram uma espécie de baixa auto estima e pessimismo coletivos, que de alguma forma prejudicam o valor médio do chapéu²⁰”.

Sobre o que a banda almeja, Daniel Pimenta afirma:

Queremos poder viver bem financeiramente tendo total liberdade artística. Dificilmente entramos no *mainstream* com esta política. Com isso, a nossa ideia é sempre tocarmos na rua. Temos esta ideia por pensar que a rua está em nosso DNA e ela está intimamente ligada com o resultado final de nossas músicas. Se pararmos de tocar nela, nossa obra e espetáculo perderão muita identidade. De alguma forma, pode-se dizer que dependemos da rua. Alguns integrantes já tocaram [no exterior], nunca como o Bagunço. Faremos uma temporada na França em julho/agosto de 2016.

²⁰ Os artistas colocam os cases dos instrumentos abertos ou chapéus, mesmo, na frente da banda, enquanto a mesma se apresenta, para que o público contribua. Por isso, denominam as contribuições de “chapéu”.



f) Ma Non Troppo

Quando decidiu sair da banda Tree”, em 2014, o baixista Mindu (2016)²¹ decidiu criar outra banda no mesmo estilo, em formato trio – baixo elétrico, bateria e trompete –, também com o intuito de toca na rua por questões de subsistência, bem como pela falta de dinheiro para pagar estúdios profissionais para ensaio e falta de espaços para apresentação. A namorada também migrou de produtora da Tree” para produtora da Ma Non Troppo, utilizando as redes sociais – Facebook, Soundcloud e Youtube para divulgação do trabalho. A banda está preparando um CD, pois, segundo o baixista, isso ajuda na renda do dia e na divulgação do trabalho.

Além das mesmas queixas quanto à opressão do poder público e reclamação de moradores, o músico ainda destaca as condições climáticas como um empecilho, pois em dias de chuva não é possível trabalhar. Quanto à interação com o público, muitos transeuntes param para ouvir ou dançar ao som da música instrumental e autoral da banda. Uma peculiaridade destacada por Mindu é a indentificação e aproximação dos moradores de rua e ambulantes que se reconhecem e solidarizam com os artistas. A banda tem uma música chamada Bila, apelido de um morador de rua que sempre estava presente nas apresentações da Ma Non Troppo na Praça Nelson Mandela, em Botafogo.

Mindu recentemente voltou para a banda de origem, Tree”, mas não abandonou a Ma Non Troppo. Segundo o músico, a Ma Non Troppo deve intercalar o trabalho na rua e as apresentações em eventos corporativos, mas não descarta, igualmente como na primeira banda, a possibilidade de fazer apresentações na rua em outros estados, sendo São Paulo a primeira meta.

g) Os Camelos

A dupla composta pelo saxofonista Fabiôla, e o percussionista Glauber Airloa, que toca djembe, surgiu em novembro de 2014 e, desde o início, a ideia era criar um

²¹ Em entrevista pessoal à autora em fevereiro de 2016.



projeto para a rua, afirma o saxofonista Fábio Hirsh (2016)²². Mas o diferencial dessa banda, que faz um som de “pegada” árabe, é que os integrantes acabaram optando pelas apresentações não só nas ruas, mas principalmente nos vagões de trem e do metrô da cidade.

As atividades culturais no Rio de Janeiro concentram-se majoritariamente na região que vai do Centro à Zona Sul (área nobre). E a sensação enquanto carioca é que tudo na cidade é pensado para esse trecho minúsculo da região metropolitana. O trem é um coletivo que dispara em direção à Zona Norte, Zona Oeste e Baixada Fluminense, áreas menos abastadas, porém, mais energéticas e receptivas, porque são também, carentes de atividades itinerantes como Os Camelos. A ideia de tocar na rua é também de quebrar a rotina. Se você fica muito tempo agindo naquele lugar, você vira rotina. Os Camelos são, então, nomades (HIRSH, 2016).

A banda não tem produtor, mas está trabalhando para lançar Instagram e um video release, além de umas fotos profissionais. Divulga o trabalho no Facebook e no dia 27 de março, lançou seu primeiro CD, Ampulheta, no palco do Circo Voador.

Quanto à relação com o público, o músico afirmam ser “incrível”. Ele destaca depoimentos de pessoas depois das apresentações e nas redes sociais de que “elas sentem calma, paz, viajam no tempo ou fazem reflexões profundas com a nossa música. Isso é maravilhoso. Como se o som que produzimos fosse um portal para um lugar bom. Essa relação de troca é o que nos alimenta e nos sustenta diante das dificuldades”.

Segundo Hirsh, as dificuldades são maiores para quem se aventura a tocar nos vagões.

Atuamos nas ruas, nos trens e também no metrô. A empresa que administra o metrô no Rio de Janeiro não é a favor da arte pública nos vagões e a segurança age, muitas vezes, com brutalidade. Nunca aconteceu nada grave conosco, porque buscamos trabalhar sempre com o astral lá no alto, mas nem sempre é fácil. Atualmente existe o Coletivo AME (Artistas Metroviários), que também conta com a nossa força na busca sancionar a lei que regulamente a atuação nos vagões.

²² Em entrevista à autora, por e-mail, em março de 2016.



Apesar disso, Os Camelos não pretendem deixar as ruas e vagões. De qualquer forma, os músicos querem “vivenciar a experiência de tocar em festivais e fazer mais shows”. Sobre seus ideais na música, Fábio Hirsh afirma: “queremos outros lugares, outras situações. A busca é também pelo novo, pelo diferente. Isso renova”.

Considerações Finais

Após as entrevistas, observou-se que a maior parte das bandas se autoproduz (*do it yourself*) ou conta com amigos ou namoradas para o trabalho de produção e divulgação de maneira amadora. Alguns almejam ter dinheiro para ter produção profissional, sendo que uma das bandas, Bagunço, já o tem. O principal canal de divulgação do trabalho é o Facebook, seguido de redes sociais como YouTube, Soundcloud, Instagram e Twitter. Apenas uma banda, os Beach Combers, mencionou pretender usar aplicativos como iTunes e Spotify.

Todas as bandas tem CDs, em geral, gravados de maneira amadora. Esses CDs são vendidos durante as apresentações e ajudam a compor a renda do “chapéu” diário. Algumas bandas chegam a vender de 10 a 20 CDs por dia, ao preço médio de 20 reais. Das entrevistadas, apenas os Beach Combers lançaram, além do CD, um vinil, o que traz certo *status*, até por uma questão de preço. Afirmar que os vinis estão esgotados também é sinônimo de prestígio. Apesar das gravações normalmente serem feitas em pequenos estúdios e, em alguns casos, até em gravadores repórter, os discos também são considerados como material de divulgação do trabalho. As músicas são, quase em sua totalidade, instrumentais, autorais e de improviso.

Os principais problemas citados são o enfrentamento da ordem pública, que não acata a lei do artista de rua, a concorrência que aumenta, representando perda de território de apresentação e, conseqüentemente, de renda, e também as condições climáticas. A rua é hostil, entretanto, a relação com o público é boa, de carinho, surpresa, respeito e admiração. A arte e a música são bem recebidas no espaço público – ruas, praças e praias do Rio de Janeiro. Há uma relação com moradores de rua e ambulantes, que “se reconhecem” nos músicos. Há, portanto, uma relação de



afetividade instantânea e, muitas vezes, efêmera, mas a experiência sonora para o público altera a paisagem sonora da cidade, trazendo um pouco de arte a baixo (ou nenhum) custo para o caos urbano cotidiano.

Algumas bandas afirmam que seu DNA é de arte pública, pretendendo, entretanto, estender o trabalho para outros estados do Brasil ou para o exterior. Os festivais também são considerados alternativas para saírem da cidade de origem. Tocar em São Paulo, principalmente, representa *status* e prestígio no imaginário dos artistas.

Afima Canclini (2015, p. 286), que “viver em uma grande cidade não implica dissolver-se na massa e no anonimato”. Apesar do caráter marginal da arte pública, essa nova geração de músicos de rua assume caráter de *popstars*, mesmo sendo o espaço público, o seu local de subsistência.

As bandas de rua já fazem parte da paisagem sonora carioca, num misto de desafios e oportunidades para os artistas que reconfiguram o espaço público e o ressignificam como palco. A curadoria é do público, a mais sincera de todas.

Referências

BIELETTO, Natalia. El estudio histórico de la música en las calles: reflexiones teórico-metodológicas. **XII Congreso de la IASPM-AL: Visiones de América, sonoridades de América.** IX Coloquio Internacional de Musicología. Asociación Internacional para el Estudio de la Música Popular, La Habana, Cuba, 2016. Cuaderno de resúmenes, p. 67.

BÜTTNER, Claudia. Projetos artísticos nos espaços não-institucionais de hoje. In: PALLAMIN, Vera M. (org.). **Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana.** São Paulo: Estação Liberdade, 2002. p. 73-102.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Tradução Heloísa Pezza Cintrão e Ana Regina Lessa. 4. Ed. 7. Reimp. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2015.

CASÉ, Paulo. **A cidade desvendada: reflexões e polêmicas sobre o espaço urbano, seus mistérios e fascínios.** Rio de Janeiro: Ediouro, 2000.

ESSINGER, Silvio. Bandas ocupam praças, calçadas e trens do Rio, passam o chapéu e multiplicam vendas de discos. **O Globo.** 2015. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/cultura/musica/bandas-ocupam-pracas-calcadas-trens-do-rio-passam-chapeu-multiplicam-vendas-de-discos-16362472>>. Acesso em: 20 nov. 2015.



FERNANDES, Cíntia Sanmartin; TROTTA, Felipe Costa; HERSCHMANN, Micael M. Não pode tocar aqui!? Territorialidades sônico-musicais cariocas produzindo tensões e aproximações envolvendo diferentes segmentos sociais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação** | E-compós, Brasília, v.18, n.2, maio/ago. 2015.

HERSCHMANN, Micael; FERNANDES, Cíntia Sanmartin. **Música nas ruas do Rio de Janeiro**. São Paulo: Intercom, 2014.

PEREIRA, Simone Luci. Paisagens sonoras urbanas: uma contribuição ao estudo da escuta midiática. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Intercom: Santos, 2007. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2007/resumos/R0774-1.pdf>>. Acesso em: 10 mar.2016.